

Eurovisão O festival que foi perdendo o brilho

PORTUGAL VOLTA A PARTICIPAR

O festival foi, durante anos, um importante estímulo para a música ligeira portuguesa e um dos momentos televisivos do ano

PAULO MIGUEL MADEIRA

Portugal regressa hoje ao Festival Eurovisão da Canção, através de Rita Guerra, que interpreta "Deixa-me Sonhar (Só mais Uma Vez)", com letra e música de Paulo Martins. Depois de ausências em 2000 e em 2002, devido a insuficientes pontuações nas edições anteriores, é o retorno, em Riga, na Letónia, a um palco que, durante muito tempo, foi um dos principais acontecimentos televisivos do ano.

O festival, que começou em 1956, foi uma das primeiras manifestações da identidade europeia e houve tempos em que quase fazia parar o país, largamente sentado em frente ao televisor durante cerca de duas horas e meia, até saber qual a canção vencedora e em que posição ficara Portugal — que nunca obteve uma vitória.

Por outro lado o festival nacional, "durante muitos anos, entre os finais dos anos 60 e o princípio dos 70, era o principal acontecimento musical do país", lembra Tó Zé Brito, administrador da editora Universal em Portugal — e que representou Portugal na Eurovisão em 1978, com os Gemini, que interpretaram "Dai li dai li du".

Internamente, o fenómeno começou no ano seguinte à estreia portuguesa, em 1965, quando "Sol de Inverno", canção interpretada por Simone de Oliveira, ficou em penúltimo lugar entre 18 concorrentes, com apenas um ponto. "Mas a grande festa já tinha sido em Portugal. Aqui, o Festival ganhava cada vez mais contornos de acontecimento nacional", conta a própria RTP no seu sítio na Internet.

Estranho? Talvez não, se tivermos presente que Portugal era um país bastante fechado ao exterior, devido à ditadura, num período



Rita Guerra, como hoje se apresentará em Riga, na Letónia

em que os directos por satélite eram raros e não havia Internet. Estima-se que a primeira edição do Festival da Eurovisão em que Portugal participou, em 1964, que decorreu em Copenhaga, tenha sido vista por 150 milhões de pessoas. "Nunca um artista português tinha cantado para um público tão vasto", regista ainda a RTP. "Os artistas tinham exposição na RDP, e poucos na RTP", lembra Nuno Galopim, jornalista há muito atento ao fenómeno dos Eurofestivais.

Importância atenuada

Nessa altura, em que os criadores e artistas tinham bastante menos possibilidades de se mostrarem ao público, ir ao Festival da Eurovisão podia ser importante

para uma carreira. Mas qual a relevância hoje em dia? "Não tem absolutamente nenhuma, nem em termos de mercado, nem de carreira", diz Nuno Galopim. "Nenhuma editora tem apostado em fazer ali uma nova voz, um arranque de carreira." Os últimos anos em que a participação no festival teve alguma relevância em termos de carreira foi em 1994, quando Sara Tavares, que se revelara no programa televisivo Chuva de Estrelas, consolidou o seu lançamento e obteve o oitavo lugar (com "Chamar a Música") em Dublin.

"O concurso, como existe hoje em dia, diz muito aos países da Europa de Leste", diz Nuno Galopim. Como começaram a participar há

Estreia discreta na imprensa

A primeira participação portuguesa no Festival Eurovisão, em Copenhaga a 21 de Março de 1964, foi mais anunciada do que noticiada nos jornais da época consultados pelo PÚBLICO. Na página 2 d' "O Século" e do "Diário de Notícias", nas edições da véspera e do dia do espectáculo, o maior anúncio (quase um quarto de página) era o que a RTP fazia à participação portuguesa. Quanto a noticiário, nada no "República" nem no "Diário de Notícias". Apenas "O Século" dedicou na sua última página de dia 22 menos de uma coluna ao assunto, com o título "A Itália foi a vencedora do festival da canção europeia de 1964", a que se seguia um pós-título: "Mas a canção portuguesa cantada por António Calvário não destoou das melhores." O texto contava que houve 16 países a concurso, tendo a emissão sido recebida em 17 (os participantes mais a Suécia). Seguíam-se apreciações sobre a qualidade da organização dinamarquesa e comentários que consideravam que os países escandinavos se tinham beneficiado entre si, bem como os de língua francesa. P.M.M.

poucos anos, ainda "é uma novidade e, como qualquer novidade, sabe bem". Além disso, "continua a ter uma força muito grande nos países da Escandinávia".

Por razões circunstanciais, num ou noutro país, há anos em que a participação no Eurofestival desperta maior interesse. Foi o que aconteceu no ano passado em Espanha: a participante tinha saído vencedora da Operação Triunfo, "o que fez aumentar exponencialmente a curiosidade do público espanhol". Fenómeno parecido aconteceu em Israel em 1998, representado no Festival por Dana International, uma transexual. Agora trata-se de "um evento de 'glam' TV", considera Nuno Galopim. ■

A AUTORIZAÇÃO

Três novos canais de cinema "pay per view" na TV Cabo

A Alta-Autoridade para a Comunicação Social (AACS) aprovou esta semana as licenças para os três novos canais de cinema "pay per view" da TV Cabo e para os dois canais Lusomundo que, a partir de 1 de Junho, substituem os Telecine. Todos estes canais temáticos são de cobertura nacional, emissão contínua e acesso condicionado.

Os três canais de cinema "pay per view" — Cine Estreia, Cine Éxitos e Cine Clássicos — mais não são do que os novos serviços em que o telespectador escolhe o filme que quer ver e paga individualmente cada visionamento que efectuar. No caso dos Lusomundo Premium e Gallery, o espectador apenas sentirá a diferença no nome, continuando os canais com a mesma filosofia e programação — no entanto, a mudança de nome e o facto de passarem a ser produzidos em Portugal (até aqui eram no Brasil) obrigam ao pedido de nova licença.

De acordo com as deliberações da Alta Autoridade, os três canais da "família" Cine serão, "em princípio, comercializados em regime de pagamento por visionamento ('pay per view')", mas é possível que "em função da adesão do público", possam passar a ser pagos através de uma mensalidade regular e continuada. Não é permitida qualquer publicidade nestes três canais.

No caso dos dois canais Lusomundo, é aceite publicidade, mas apenas entre os filmes, não sendo, portanto, possível fazer intervalos durante a sua exibição. M.L.

Quinta-feira, 22 de Maio

Os mais vistos da TV percentagem

Programa	Canal	Aud.	Share
Saber Amar	TVI	15,5	41,2
Os Malucos do Riso	SIC	14,2	37,6
Amanhecer	TVI	12,3	46,1
Jornal Nacional	TVI	10,7	31,6
Mulheres Apaixonadas	SIC	9,7	26,2
Telejornal	RTP1	9,3	28,6
Jornal da Noite	SIC	9,2	27,8
RTP1 Jornal da Tarde	RTP1	8,6	43,7
O Beijo do Vampiro	SIC	8,0	33,1
New Wave	SIC	7,5	44,1

Share diário por canais em percentagem

RTP1	RTP2	SIC	TVI	Videos/outros
23,5	5,9	28,7	29,8	12,1

Fonte: Marktest

PÚBLICO

Os votos também se compram

"Quando fomos com as Doce a Londres [em 1982], fui contactado por pessoas que trabalhavam lá para a minha editora, na altura a Polygram, dizendo-me que a televisão britânica estava interessada em falar com a nossa por causa dos votos. Falei com uma pessoa da RTP, mas não houve interesse", conta Tó Zé Brito, actualmente administrador em Portugal da editora Universal e que ganhou o Festival RTP da Canção como intérprete em 1978 com os Gemini ("Dai li dai li du"), em 1982 como autor da letra das Doce ("Bem Bom") e em 1985 como compositor da música para Adelaide Ferreira ("Penso em ti (eu sei)").

"Foi uma atitude que achei digníssima", acrescenta. "Bastava ter-se dito que sim para termos trocado os 12 votos com outra TV." A questão de a classificação reflectir menos a

apreciação dos méritos artísticos do que um comércio de favores por questões de interesses de mercado ou de solidariedade entre vizinhos não é nova. Já em 1970 os protestos foram públicos. Espanha, França, Holanda e Reino Unido ficaram empatados em primeiro lugar no ano anterior: "Os protestos ouviam-se por todo o lado. A canção inglesa, de entre as quatro que em 69 tinham ficado em primeiro, era tida como a pior de todas, e no entanto tinha ganho. E eram factos como este que alimentavam os boatos de 'arranjos' e votos 'comprados' no Eurofestival, com especial dedo indicador apontado às empresas discográficas", conta o sítio da RTP na internet. Vários países abandonaram a competição, incluindo Portugal. Em 1970, foram estabelecidas algumas regras novas e as coisas voltaram à "normalidade".

"Isto para nós só voltaria a aquecer se ganhassemos" nalgum ano, diz ainda Tó Zé Brito. Mas para isso "teríamos de jogar o comércio de votos", acrescenta. E além de eventuais escrúpulos, o país tem pouco peso no mercado discográfico para poder jogar com sucesso essa cartada. É que cantar em português "reduz drasticamente a possibilidade" de pontuar — a maioria dos países apresenta as suas canções em inglês, pois é mais difícil vender noutros mercados. "Sempre houve interesses nisto, e sempre vai haver. Para mim, a votação é sempre a parte mais divertida", remata. Quer Tó Zé Brito quer Nuno Galopim, jornalista atento ao fenómeno, falam também em votos entre países por questões de proximidade e afinidade linguística: os nórdicos a votarem nas canções uns dos outros, os latinos a fazer o mesmo. P.M.M.